

para festejar com os amigos. Entre um samba e outro, Clementina de Jesus da Silva esbanjava seu talento sem se sentir incomodada. Na Taberna da Glória, ela era estrela. Durante o expediente como doméstica, no entanto, a cantadeira soltava a voz e era repreendida pela patroa que, ao ouvi-la cantando enquanto engomava as camisas, dizia: “Clementina, estás cantando ou estás miando?”

Hermínio Bello de Carvalho abraçou aquela novidade como poucas vezes fizera antes. Animado, o poeta queria finalmente conversar com a mulher que o enfeitiçara. Mas faltava-lhe coragem. Para um rapaz como ele, frequentador de encontros regados a Vivaldi, jazz norte-americano e poemas de Mário de Andrade, era admirável que se deixasse conquistar pela cantora de voz rascante da Taberna da Glória. Quelé, como era apelidada, fисgou-o definitivamente.

Exatamente um ano antes, os caminhos de Clementina de Jesus e Hermínio Bello de Carvalho já haviam se cruzado, também em um dia de Nossa Senhora da Glória, quando o poeta viu, também na Taberna, uma mulher de rendas brancas e coque, sentada em uma mesa cheia de empadinhas, pastéis e outros quitutes fritos, acompanhada de um mulato forte vestido de branco dos pés à cabeça – gravata, camisa, meias, sapato, tudo branco. A chegada da polícia trouxe uma repentina agitação àquele bar, e Hermínio, que estava apenas em traje de banho, resolveu ir buscar os documentos em casa. Quando voltou, nada encontrou.

A partir daquele dia, a imagem daquela cantora negra, anônima, povoaria seu imaginário. Ela lhe remetia imediatamente à figura de Pastora Pavón, ou La Niña de Los Peines, como era chamada a intérprete espanhola que ele conheceu pessoalmente em uma viagem à Espanha em 1965 e cuja voz “coberta de musgo”, segundo definição do grande poeta andaluz Federico García Lorca, poderia ser perfeitamente atribuída à Clementina também.

Depois da primeira tentativa em vão, o segundo encontro entre Clementina e seu fã incondicional acabou acontecendo na inauguração do bar Zicartola, empreendimento que, a partir de 1963, agitou a rua da Carioca, no centro do Rio, e teve como donos Angenor de Oliveira, o Cartola, e sua esposa, Euzébia Silva do Nascimento, a Dona Zica. O local era frequentado por sambistas de renome como Nelson Antônio da Silva, o Nelson Cavaquinho, Ciro Monteiro, Ismael Silva e José Flores de Jesus, o Zé Kéti. Era o ambiente

ideal para a aproximação. Convidada por dona Menina, a irmã de Zica, Clementina esteve presente na inauguração do Zicartola. Hermínio, envolvido na organização do local, também. Assim que a cantadeira foi convidada a versar um partido-alto no palco improvisado, o poeta logo reconheceu a voz que o conquistara alguns dias antes. Porém, faltava de novo coragem a ele. Embebido em alegria, mas exageradamente tímido, o rapaz deixou a oportunidade escapar pelas mãos. O segundo encontro entre os dois terminava infrutífero, como o primeiro.

Praticamente um ano havia se passado e Hermínio já se ressentia da demora em rever Quelé. O dia de Nossa Senhora da Glória em 1964 era, portanto, a ocasião certa, já que ele tinha uma vaga noção de que a cantora pudesse estar lá. A ideia era lançar mão do amigo Leonardo Castilho para intermediar o encontro. O plano foi meticulosamente elaborado na cabeça do poeta.

— Vamos Hermínio, vamos falar com ela – sugeriu Castilho.

— Não, não vou falar. Mas eu quero que você me faça um favor. Vamos comprar umas flores e você entrega a ela dizendo quem é que está mandando. Provavelmente ela não vai saber quem é. Então, você vai explicar que é do Hermínio Bello de Carvalho, uma pessoa que a admira e que mora atrás da igreja.

Castilho se encarregou da missão de convencer a cantora a ir até o apartamento de Hermínio. Feito. Em alguns minutos, Clementina de Jesus e seu marido, Albino Pé Grande, acompanhados de mais duas pessoas, já batiam à porta do apartamento do poeta. Ao espiar pelo vão da porta, ele, conta Leonardo Castilho, “praticamente desmaiou”.

Não poderia haver melhor mestre de cerimônias para Quelé e Hermínio do que a música: a cantoria, no dia 15 de agosto de 1964, não teve hora para acabar. O poeta, na condição de anfitrião-tiete, recebeu a célebre cantadeira da Taberna da Glória com bebidas de toda sorte, como alguns “uisquezinhos” e “brutucuzinhos” – como Clementina dizia –, que deixavam a cantora mais à vontade.

Entre um “uisquezinho” e outro, Hermínio propôs que a cantadeira exibisse o vozeirão em uma gravação caseira. Mas ela nunca havia visto um

gravador antes. Ao ouvir a própria voz reproduzida pela primeira vez na vida, Clementina de Jesus virou criança novamente: batia palma, ensandecida, olhava para o marido Pé Grande, que fazia a base rítmica com a mão, e dizia repetidas vezes: “Olha, Pé, sou eu!”

Deslumbrado com a potência vocal e principalmente com o repertório de cantigas e cantos de escravos, Hermínio viu, da sala de seu apartamento, serem registradas lembranças do tempo em que a cantora morava às margens do rio Carambita, em Valença, no interior do estado do Rio de Janeiro. Assim, chegava a hora de o poeta virar produtor musical e se dedicar a esculpir aquela cantora cuja técnica era mais intuitiva.

Quelé já tinha 63 anos e mal imaginava: aquele rapaz mudaria sua vida para sempre a partir daquele dia. Hermínio também não sabia que, além da frutífera parceria profissional, naquele 15 de agosto tinha conhecido sua mãe, a mãe que ele escolheu e que o acolheu já adulto.

2.

**COM A LICENÇA DE
CLEMENTINA DE JESUS**

Clementina é a voz dos milhões de negros desfeitos no fazimento do Brasil. Poderosa voz anunciadora do brasileiro que, amanhã, se assumirá como povo mulato, mais africano que lusitano.

DARCY RIBEIRO, ANTROPÓLOGO, ESCRITOR E POLÍTICO

Clementina de Jesus da Silva tinha 81 anos quando chegou ao Estúdio Eldorado, em São Paulo. Como de praxe, usava vestido longo, branco, de renda, caminhava com dificuldade, escorada em uma bengala, e já não conseguia disfarçar o derrame que paralisara o lado esquerdo de seu rosto. Sempre acompanhada por Bira, seu neto, deu início às gravações, insegura e hesitante, mesmo depois dos inúmeros shows realizados por todo o Brasil, no exterior e os dez álbuns gravados em quase vinte anos de estrada. O ano era 1982 e Quelé, como era carinhosamente chamada, se preparava para o disco que encerraria sua carreira: *O canto dos escravos*. Seu último álbum, até então, havia sido *Clementina e convidados*, gravado três anos antes.

Aqueles eram tempos particularmente difíceis para a cantora, que passava por sérios problemas de ordem pessoal e financeira. Sua idade avançada a privava de realizar grandes shows e gravar discos com a regularidade de outrora. Apesar disso, jamais deixou de cantar. Às vezes se apresentava mais de uma vez por noite, sempre em pequenos espetáculos. Assim, vivendo de sua diminuta aposentadoria, conseguia complementar a renda e sobreviver.

Um resgate de tradições musicais de negros escravizados, *O canto dos escravos* só conseguiu ser viabilizado porque, anos antes, uma pequena e